

ENTRE CARTAS E DIÁRIOS: NARRATIVAS DE SI NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES POLIVALENTES

Felipe da Costa Negrão¹
Amarildo Menezes Gonzaga²

RESUMO

A formação de professores é um campo fértil para o desenvolvimento de pesquisas científicas devido à multiplicidade de fatores e aspectos que influenciam a composição da identidade docente. Nessa área de estudo, diversos elementos interagem para constituir o perfil dinâmico do educador em formação. Aspectos pessoais, como crenças, valores, experiências de vida e trajetórias acadêmicas, combinam-se com fatores sociais, culturais e políticos, bem como com os métodos e abordagens pedagógicas adotadas no processo formativo. Neste artigo, apresento as contribuições das narrativas de si ou narrativas (auto)biográficas no processo de constituição da docência com reflexões a partir de dois dispositivos de formação: o diário formativo e as cartas (auto)biográficas. O estudo está vinculado a uma pesquisa de doutoramento em Ensino Tecnológico, na qual o ato de contar de si é compreendido como instrumento de ressignificação de crenças sobre o ensino de Matemática. Neste texto, sinalizo os meandros da pesquisa em andamento em articulação com os diários formativos e as cartas (auto)biográficas, ilustrando possibilidades *outras* de práticas pedagógicas em cenários de formação inicial de professores polivalentes. A interação com as cartas e os diários permite a criação de um ambiente de reflexão para que os estudantes – futuros docentes – explorem suas vivências, experiências e sentimentos com a atividade professoral, desvelando possibilidades de aprimoramento profissional. Ao assumirem uma postura investigativa e arqueológica em relação a si mesmos, esses professores em formação se tornam professores-autores-atores de sua própria história.

Palavras-chave: Pesquisa Narrativa, Formação de Professores, Dispositivos de Formação.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pesquisa em/com formação de professores envolve uma pluralidade de possibilidades investigativas/interventivas. Essa riqueza de caminhos metodológicos se justifica no perfil dinâmico deste educador que é forjado por aspectos pessoais, sociais, culturais, econômicos e políticos, desvelando em diferentes modos de pensar o processo formativo.

Nos últimos anos, tenho atuado na docência universitária, particularmente em cursos que formam professores para a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O contato com esse público tem me levado a investigar nuances minúsculas da jornada de

¹ Mestre em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Doutorando em Ensino Tecnológico (IFAM). Professor do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: felipenegrao@ufam.edu.br

² Doutor em Educação: Desenvolvimento Curricular pela Universidad de Valladolid (UVA). Professor do Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). E-mail: amarildo.gonzaga@yahoo.com.br

composição docente, de modo que suas crenças, perspectivas e experiências têm sido alvo de escuta, análise e reflexão para (re)pensar a profissão professor.

A literatura do campo da formação de professores dispõe de muitos elementos importantes para compreender a docência, entretanto tenho buscado esse entendimento junto ao próprio profissional em construção. Para isso, tem sido necessário “largar a mão” de verdades cristalizadas e sentidos comuns pedagógicos que foram instituídos ao longo da carreira, dando espaço para a escuta de si e do(s) outro(s).

Em outros tempos, na condição de pesquisador, me vi alheio às experiências, vivências e sentimentos daqueles que cruzaram meu caminho profissional, inclusive me colocando na condição de guardião das vozes docentes, deliberando como, onde e quando era possível “dar voz” a esses professores.

A voz é uma característica marcante do professor. Nela está contida não apenas o som que preenche uma sala de aula com conteúdos curriculares, mas abriga as concepções pedagógicas, a autoridade, as crenças, os saberes, a identidade docente – tão cara para os profissionais da educação, visto que sua identidade é o que lhe move e justifica suas ações dentro e fora do espaço escolar/acadêmico.

O discurso acadêmico-científico de “dar voz” aos professores é carregado de prepotência e um certo ingenuísmo pedagógico. Atualmente, na condição de pesquisador narrativo, tenho compreendido que meu papel é ouvir as vozes dos professores, respeitando suas singularidades e fugindo do lugar “sedutor” de juiz que julga, interpreta, atribui sentidos ou junta todo o “dito” e agrupa em gavetas categóricas, ignorando o direito que o outro tem de dizer como quer ser dito.

A escuta de si e do(s) outro(s) não deve ser realizada de forma torpe ou carregada de pré-julgamentos. Uma boa escuta requer pausa, atenção, cuidado, respeito, apreço, prazer e tantas outras habilidades que não são vistas em manuais de pesquisa, respaldados na ideia de que o envolvimento entre pesquisador e participantes é um pecado sem perdão no meio acadêmico-científico.

Há espaço para esse tipo de concepção de Ciência na academia, assim como deve ter espaço para modos *outros* de construção do conhecimento. Por esse motivo, este artigo se apega nos princípios da Pesquisa Narrativa e se propõe a conversar sobre as contribuições das narrativas de si no processo de constituição da docência, propondo reflexões a partir de dois dispositivos de formação: o diário formativo e as cartas (auto)biográficas.

Este texto (auto)biográfico se filia a uma pesquisa de doutoramento em Ensino Tecnológico, em que o movimento de contar de si é compreendido como instrumento de

ressignificação de crenças sobre o ensino de Matemática. Por esse motivo, busco sinalizar os meandros da pesquisa em andamento em articulação com os diários formativos e as cartas (auto)biográficas, ilustrando possibilidades *outras* de práticas pedagógicas com esses dispositivos em cenários de formação inicial de professores polivalentes.

DA CARTA DE SI A CARTA UNITÁRIA: LAMPEJOS DE AUTORIA E ESCUTATÓRIA

Ser autor é privilégio apenas de quem escreve livros? Começo essa seção com uma indagação que poderia ser refutada rapidamente com um sonoro “não”, entretanto a utilizo para fomentar reflexões iniciais de questões que ouço rotineiramente em meu espaço de trabalho – a sala de aula da universidade.

Há um certo consenso de que o conceito de autoria está condicionado a escrita e publicação de livros, artigos, manuais e documentos similares, por esse motivo, os professores em formação não se veem como autores, ou só atingem esse “patamar” quando publicam os resultados de uma pesquisa de iniciação científica em colaboração com um pesquisador “mais experiente”. É comum entre os discentes, a ideia de que durante a graduação não se pode afirmar nada sozinho, por vezes, nem se pode afirmar nada – são mudos, tabulas rasas. Essa concepção prepotente é alimentada por professores que engaiolam seus alunos, os colocando em redomas que mais ferem do que protegem.

Na contramão desse movimento que aprisiona, destaco as cartas (auto)biográficas como instrumento para o desenvolvimento do senso de autoria nos professores em formação. Contudo, o sentido de autoria nessas atividades se amplia para uma compreensão para além da escrita/publicação de algo, se trata de uma escrita de si, revelando suas nuances minúsculas e singularidades, se compreendendo como um ser em constante (trans)formação – autor e ator da própria história, afinal “escrever cartas é escrever-se” (Zani, 2018, p. 117).

A escrita de cartas (auto)biográficas potencializa as características individuais de cada professor em formação, permitindo a resignificação de crenças a partir do resgate de memórias, histórias e experiências que após o exercício crítico-reflexivo revelam outros sentidos/significados para esses autores (Feitosa Júnior; Gonzaga, 2019).

Ao revisitar às próprias experiências de forma intencional e norteada por dispositivos de formação, como as cartas (auto)biográficas, o indivíduo é conduzido a tomada de consciência sobre o vivido, assumindo o protagonismo da sua própria formação, considerando

que “é sempre a própria pessoa que se forma e forma-se à medida que elabora uma compreensão sobre o seu percurso de vida” (Mancini, 2021, p. 29).

O caráter pessoal e intimista da carta (auto)biográfica evoca a reflexão sobre temas pouco acessados em cursos de formação de professores, tendo em vista que se discute a necessidade de metodologias inovativas, mas em contrapartida, silencia-se o protagonismo dos sujeitos que habitam esses espaços, ignorando suas vidas, fragilidades, medos e incertezas que residem e resistem no caminhar da docência.

Paralelo ao senso de autoria, as cartas também despertam a habilidade de escutatória de si e do(s) outro(s). Nesse sentido, a experiência de ouvir-se pode ser (trans)formadora, especialmente se pontuarmos que a construção de cartas (auto)biográficas nos leva ao encontro de nossas memórias, crenças e singularidades, possibilitando a identificação dos episódios significativos que nos afetaram ao longo de nossas vidas-trajetórias (Negrão, 2022).

Ouvir o(s) outro(s) é consequência da escuta de si. É um processo natural que decorre da experiência de saber que a vida se constrói na coletividade, no encontro e na parceria “ombro a ombro” de quem se permite aprender e reaprender constantemente. No trabalho pedagógico e artesanal com as cartas (auto)biográficas na formação de professores, é perceptível que o momento da escuta de si e do(s) outro(s) se materializa em “uma aposta e um convite a pluralizar nossos mundos e olhares” (Godoy; Ribeiro, 2021, p. 10).

Autoria e escutatória tem figurado como palavras de ordem nas atividades formativas de escrita e produção de cartas (auto)biográficas com professores em formação inicial. Mas, como proceder com essas práticas em sala de aula na universidade? Não tenho a pretensão de oferecer receitas prescritivas, mas partilhar o processo que tem ocorrido comigo e com meus pares ao interagir com este dispositivo de (trans)formação no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

O primeiro contato com a metodologia de cartas (auto)biográficas se deu na pós-graduação, por meio de uma disciplina obrigatória no doutorado profissional em Ensino Tecnológico. Na oportunidade, experienciamos a escrita de si para refletir sobre o ser e sentir-se professor pesquisador, dialogando consigo e com os outros acerca dos desafios e dilemas que envolvem a atividade docente (Negrão, 2022).

A interação com as cartas (auto)biográficas foi uma excelente experiência, o que gerou o desejo de (com)partilhar a proposta pedagógica com os estudantes do curso de Pedagogia da UFAM. É importante frisar que o planejamento da oficina de cartas exigiu pesquisa e o delineamento de estágios/momentos (Quadro 1) para que a atividade fosse formativa e despertasse o devido interesse nos participantes.

Quadro 1 – Estágios da oficina de cartas (auto)biográficas

ESTÁGIO	DESCRIÇÃO
Carta de Si	É o primeiro estágio e consiste na escrita (auto)biográfica a partir de uma pergunta-norteadora que figura como pretexto para inspiração e composição da carta. A forma de escrita é livre e o senso de autoria é encorajado durante a oficina. A carta de si é compartilhada entre os colegas da turma, sendo distribuída pelo professor-formador, considerando critérios próprios, como nível de interação, afinidades, dentre outros.
Carta-resposta	De posse da carta de si do outro, o professor em formação deve escrever uma carta-resposta, buscando evidenciar as aproximações e distanciamentos do conteúdo narrado. O exercício crítico-reflexivo sobre si através da lente do outro é um importante movimento formativo, pois fomenta a compreensão de que alguns desafios educativos são comuns a todos os envolvidos.
Triangulação	O terceiro estágio consiste no agrupamento de coletivos de até quatro integrantes. No grupo, os professores em formação devem conversar sobre o conteúdo narrado nos estágios anteriores, mais uma vez na perspectiva de indicar aproximações e distanciamentos, tendo como norte a pergunta-geradora e o tema central da oficina.
Carta Unitária	O último estágio consiste na produção de uma carta da turma. Para isso, os coletivos formados no estágio anterior apresentam os resultados da troca entre pares e destacam pontos importantes que devem fazer parte da redação da carta unitária. É aconselhável que o professor-formador saia da sala de aula durante o processo de escrita final, visto que os alunos podem se sentir desconfortáveis com a presença do docente. As estratégias de escrita do documento final ficam sob responsabilidade dos professores em formação, evidenciando autonomia, liderança, trabalho em equipe, além das habilidades de autoria e escutatória que perpassam por toda a oficina.

Fonte: Dados da pesquisa

A experiência com as cartas (auto)biográficas nos cursos de formação de professores tem contribuído para o desenvolvimento de profissionais autores e atores, imbricados na perspectiva de que a composição docente é plural, contínua e requer o conhecimento de si e do(s) outro(s). É interessante pontuar que os discentes iniciam a atividade com receios e bloqueios direcionados ao contar de si, ignorando a *priori* o seu potencial formativo. Esses sentimentos são naturais, considerando que o cotidiano dos cursos de graduação não costuma priorizar as histórias de seus indivíduos, atuando na marginalização das experiências.

O contar de si na formação inicial de professores é uma estratégia para constituição de profissionais conscientes do impacto de suas experiências. É resistência em meio a cultura do apagamento das singularidades do indivíduo, formatando-o dentro de caixas e domesticando-o em prol da repetição de padrões, normativas e jargões pedagógicos.

Em síntese, quando o professor em formação investiga a si mesmo por intermédio da carta de si, ele é convidado a avaliar suas limitações e potencialidades com critérios próprios, inventariando suas características mais peculiares que corroboram para a sua constituição professoral. Ao dividir suas impressões com o(s) outro(s), abre espaço para o desenvolvimento da escutatória – habilidade incomum nos dias de hoje.

Do minúsculo ao coletivo. Do interior ao exterior. Do secreto ao revelado. Do eu ao nós. Esse é o ciclo virtuoso do trabalho com as cartas (auto)biográficas na formação inicial de professores.

QUERIDO DIÁRIO... A IMPORTÂNCIA DO REGISTRO DA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA

O diário é um documento. Mas, o que ele documenta? Em termos de formação de professores, o diário condensa registros importantes do processo de vir a ser docente - dilemas, crenças, expectativas, medos e aspirações. Trata-se de um dispositivo que “desnuda” o profissional em constituição, como se estivesse frente a um espelho, cujo o reflexo comunica por escrito, tudo o que se pensa sobre a docência.

Os registros em diários não são soltos, narcisos ou mera descrição de atividades cotidianas, mas se tratam de movimentos potentes de documentação da própria vida-trajetória, em que o indivíduo rememora, narra e reflete criticamente sobre os episódios vividos e experienciados com a docência. Por isso, o uso dos diários é fortemente recomendado em cursos de formação inicial de professores, visto que o futuro docente tem a oportunidade de documentar a aprendizagem da profissão, avaliando continuamente sua jornada acadêmica e assumindo sua identidade professoral.

As habilidades de autoria e escutatória também são desenvolvidas com a escrita de diários, considerando que o conteúdo narrado exige atenção redobrada às experiências vividas ao longo da formação inicial. Ou seja, a escuta de si emerge como norte para o registro (auto)biográfico, sendo necessário que o docente em formação aprenda a olhar para si para identificar as nuances minúsculas que impactam e direcionam os caminhos da futura docência.

Os diários estabelecem um “círculo de melhoria” que introduz uma conduta de autoavaliação entre os professores em formação – *a priori* aprendem que suas vidas importam e que suas experiências se analisadas e refletidas sistematicamente podem contribuir para o mapeamento de mudanças necessárias no *modus operandi* da profissão docente. *A posteriori*, identificam as próprias fragilidades e tendem a experienciar mudanças significativas, instaurando “um novo estilo pessoal de atuação” (Zabalza, 2004, p. 11).

O diário é um “meio poderoso para que as pessoas possam dar relatos de suas experiências” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 145), portanto são dispositivos que exalam personalidade, identidade e singularidade. Os diários fomentam o protagonismo dos professores – eles falam de si, sobre si e por si, de modo que ao refletirem sobre as próprias experiências

reforçam a composição de uma docência humana, corroborando ao pensamento de Silvia Chaves (2022, p. 165), que indagada acerca de como se forma um professor, sabiamente responde que “é com carne, osso, pele e calor”.

O diário pode ser oriundo de observações voluntárias dos professores em formação ou norteado por temas específicos. A periodicidade de escrita deve ser combinada junto aos processos formativos, não sendo o seu preenchimento uma obrigatoriedade diária (Zabalza, 2004). Em minha prática profissional, tenho investido no diário de educação matemática – documento em que os futuros professores registram suas impressões, experiências e memórias com a matemática na Educação Básica, dialogando também com o *espaçotempo* do curso de graduação e com as expectativas em relação a docência na Educação Infantil e/ou Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

O diário de educação matemática é constituído por perguntas-norteadoras que orientam a escrita (auto)biográfica dos professores em formação em um passeio *entretempos* (passado, presente e futuro). Essas indagações auxiliam no delineamento da atividade formativa, permitindo que o discente mobilize saberes, habilidades e conhecimentos sobre si e a matemática.

O contato com a escrita em primeira pessoa tem sido uma novidade para a maioria dos estudantes que experienciam a prática do diário. Em suas narrativas, expressam o desconforto inicial com um texto que versa sobre si e que é composto de suas vidas-trajetórias comunicadas em uma linguagem acessível e predominantemente marcada pelo “eu”.

Escrever sobre si mesmo traz consigo a realização dos processos a que antes referimos: racionaliza-se a vivência ao escrevê-la (o que tinha uma natureza emocional ou afetiva passa a ter, além disso, natureza cognitiva, tornando-se assim mais manejável), reconstrói a experiência, com isso dando a possibilidade de distanciamento e de análise e, no caso de desejá-lo, se facilita a possibilidade de socializar a experiência, compartilhando-a com um assessor pessoal ou com o grupo de colegas (Zabalza, 2004, p. 18).

O diário como dispositivo de formação atua na (trans)formação dos futuros professores, subsidiando o aprimoramento/desenvolvimento de habilidades inventivas, criativas, analíticas, reflexivas, cognitivas e relacionais.

A escrita autoral das próprias experiências faz com que o futuro docente se perceba autor-ator da própria história, respeitando-se enquanto produtor de conhecimento e profissional inacabado, ciente de que a vida-trajetória oferecerá diferentes possibilidades de aperfeiçoamento e que essas novas experiências dispõem de um grau de importância salutar ao ponto em que merecem ser registradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre si é libertador para o indivíduo que se permite viver essa experiência. Escrever sobre si no contexto da formação inicial de professores é (trans)formador quando aliado a movimentos interventivos e sistematizados que compreendem as narrativas (auto)biográficas como dispositivos para a constituição de uma docência mais humana, poética e potente.

O uso de práticas pedagógicas com cartas (auto)biográficas e/ou diários nos cursos de licenciatura promove a criação de um ambiente de aprendizado mais acolhedor e propício para a reflexividade. Ao se verem como autores-atores, os futuros professores desenvolvem/aprimoram as habilidades de autoria, escutatória e reconhecem o impacto positivo de registrar a própria experiência.

Entre cartas e diários se configura modos *outros* de pensar a formação docente, somando voz àqueles que defendem uma dinâmica formativa para além da racionalidade técnica com seus conteúdos oprimidos em prateleiras e categorias. Entre cartas e diários habita a vida em sua inteireza que dialoga com a natureza, com os pares, com o diverso, consigo mesmo e que “grita” em defesa de um caminhar para si, sinuoso, mas profundamente significativo.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Sílvia Nogueira. Docência: espaço de experimentação e formação. **Em Aberto**, Brasília, v. 35, n. 115, p. 157-167, 2022. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/5356>. Acesso em: 25 ago. 2023.

CLANDININ, D. Jean.; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FEITOSA JÚNIOR, Edson Castelo Branco.; GONZAGA, Amarildo Menezes. Uma experiência com cartas autobiográficas. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, v. 5, n. 11, p. 297-307, 2019.

GODOY, Rossana.; RIBEIRO, Tiago. Chuva de estrelas: entre metáforas e narrativas para sentir/pensar caminhos investigativos desde nossas ancestralidades. **Revista Educação Unisinos**, Porto Alegre, n. 25, p. 1-14, 2021. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/22263/60748803>. Acesso em: 04 nov. 2023.

MANCINI, Flávia Griep. **Cartas (auto)biográficas de leitores professores**. Curitiba: Appris, 2021.



NEGRÃO, Felipe da Costa.; GONZAGA, Amarildo Menezes. A escrita de si por meio da metodologia de cartas (auto)biográficas. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8., 2022. Campina Grande. **Anais** [...] Campina Grande: Realize Editora, 2022.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de Aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZANI, Tina. A poesia na ação poética de escrita de cartas. **Linha Mestra**, Campinas, v. 12, n. 36, p. 116-119, 2018.